

Internacional

Preços do álcool podem recuar apesar do período da entressafra, apontam analistas **Página B14**

Casas Bahia, da família Klein, provoca surpresa ao sondar compradores **Página B1**

América do Sul Comunidade judia caiu de 20 mil para 12 mil; relação do país com Irã é um dos incômodos Judeus vêm com apreensão atos de Chávez

Daniel Rittner
De Caracas

Na madrugada de sábado para domingo retrasado, a menos de oito horas do início da votação sobre as reformas constitucionais propostas por Hugo Chávez, agentes do serviço de inteligência da Venezuela invadiram (com autorização judicial) a sede da Hebraica, um tradicional clube israelita localizado num bairro nobre de Caracas. Os agentes diziam procurar armas, explosivos e drogas. Não encontraram nada, mas aumentaram ainda mais a apreensão da pequena comunidade judaica no país.

Desde 1999, quando Chávez assumiu a Presidência, o número de judeus na Venezuela diminuiu de cerca de 20 mil para os 12 mil

atuais, segundo a União Israelita de Caracas. A maioria se mudou para Miami; outros se foram a Israel e ao Panamá. Parece exagero supor a existência de qualquer traço de anti-semitismo em Chávez. No topo da pirâmide social venezuelana, porém, a comunidade judaica é repleta de empresários de convicções liberais e suas lideranças se opõem frontalmente ao governo — prato cheio para angariar a antipatia do presidente.

Algumas dessas lideranças estiveram no Palácio Miraflores nas poucas horas em que o industrial Pedro Carmona assumiu a Presidência, durante um fracassado golpe de Estado, em 2002. Daí em diante, a percepção de ameaça à propriedade privada e o temor de que a grade curricular de escolas

religiosas sejam afetadas por uma reforma educacional foram as principais causas do êxodo dos judeus, dizem líderes da comunidade local — que também se preocupa os laços políticos e comerciais com o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad.

Há três anos a Venezuela não tem embaixador em Tel-Aviv. Em 2006, início da guerra no Líbano, Chávez retirou o encarregado de negócios, número 2 da embaixada, e se disse indignado por ver como Israel "continua atropelando, bombardeando, esquarterando inocentes com os aviões gringos que eles têm". Em resumo: as relações bilaterais andam gélidas.

Um diplomata israelense com experiência na América Latina, diz que causa desconforto a alian-

ça de Chávez com Ahmadinejad, o que reforça a presença de iranianos na região. O diplomata lembra que Teerã é acusado, na Argentina, de ter patrocinado o Hezbollah no atentado que matou 85 pessoas na Amia, a associação judaica de Buenos Aires, em 1994.

Sob a condição de não ter seu nome publicado, um dos principais rabinos da Venezuela disse ao **Valor** que um dos maiores temores da comunidade no país é com um eventual ataque dos EUA ou de Israel ao Irã, para barrar o suposto desenvolvimento de armas nucleares. "Haveria repercussão imediata por aqui", prevê o rabino. Para ele, os judeus na Venezuela sofrem duas vezes. "Porque vivemos toda a instabilidade do país e por que podemos nos tornar vítimas,

aqui, de um conflito no Oriente Médio." Na semana passada, órgãos de inteligência americanos disseram de que o Irã paralisou a busca por uma bomba atômica.

Para o jornalista Juan Francisco Alonso, especializado em temas religiosos, Chávez está longe de ser anti-semita, mas tem outros problemas com Israel. A Direção dos Serviços de Inteligência e Repressão (Disip) da Venezuela foi treinada e manteve cooperação com o Mossad, serviço secreto israelense, diz Alonso. Mas nos anos 90, a Disip redirecionou a cooperação para Cuba. "E Chávez tem uma obsessão permanente de que agentes do Mossad estão aqui."

José Vicente Rangel, que até janeiro era vice-presidente da República, era uma espécie de

barreira contra incidentes entre judeus e Chávez. Após sua saída, a comunidade ficou sem interlocutores diretos no governo.

Em 2005, Rangel esforçou-se para atenuar uma declaração de Chávez, que disse que "o mundo tem [recursos] para todos, mas acontece que umas minorias, os descendentes dos mesmos que crucificaram Cristo, os descendentes dos mesmos que expulsaram Bolívar daqui e também o crucificaram a seu modo em Santa Marta, lá na Colômbia, essa minoria se apropriou das riquezas do mundo". A polêmica só terminou após um esclarecimento oficial e após a Confederação de Associações Israelitas da Venezuela dizer que não entendera o comentário como um ataque aos judeus.